

Quem é o dono do céu, do brilho das águas ?

Neste PsIU temos um prisma um pouco diferente dos tradicionais finais de ano. Trouxemos um texto conhecido por alguns e esperamos que novo para muitos, sua leitura nos remete à reflexão sobre o que é ser homem no mundo. Consiste numa tradução, considerada autêntica, da carta do chefe Seattle que, em 1855, respondeu à proposta dos Estados Unidos de comprar a terra dos índios. *Fonte: UNEP - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.*

“Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão ? A idéia não tem sentido para nós.

Se não possuimos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los ?

Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A selva que percorre o interior das arvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ele é parte de nós. As flores perfumosas são nossas irmãs; os gamos, os cavalos, a majestosa águia, todos são nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e o homem, tudo pertence a uma só família.

Assim, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande Chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nos mesmos. Ele e será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil. Já que esta terra é sagrada para nós.

A límpida água que percorre os regatos e rios não é apenas água, mas o sangue do nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra; tereis de vos lembrar que ela é sagrada, e deveis lembrar a vossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida de meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis vos lembrar e ensinar a vossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de então, dispensar aos rios, a mesma espécie de afeição que dispensais a um irmão.

Nós sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, a procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. Seqüestra os filhos da terra e não se importa. A cova de seus pais e a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a mãe, a terra, e a seu irmão, o

céu, como coisas a serem compradas ou roubadas, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos.

Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser e completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer os olhos do homem vermelho. Talvez porque o homem vermelho seja um selvagem e como tal nada possa entender.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera. O zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender.

Barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa, onde o homem não pode ouvir o pio solitário da coruja ou o coaxar das rãs, as margens dos charcos, à noite ? O índio prefere o suave sussurrar do vento esfrolando a superfície das águas dos lagos ou a fragrância da brisa, purificada pela chuva do meio dia ou aromatizada pelo perfume das pinhas.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vos vendermos nossa terra, deveis vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O ar que nossos avós, inspiraram ao primeiro vagido foi o mesmo que lhes recebeu o último suspiro. Se vendermos a nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada, como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques.

Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: o homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo de outro modo. Tenho visto milhares de búfalos a apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco que neles atira de um trem em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como o fume-gante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.

O que será do homem sem os animais ? Se todos os animais desaparecessem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo que acontece aos animais, pode afetar os homens.

Tudo está relacionado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o chão onde pisam simboliza as cinzas de nossos ancestrais. Para que eles respeitem a terra, ensinai a eles que ela é rica. Pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinai a eles o que ensinamos aos nossos: que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, está cuspidando sobre si mesmo.

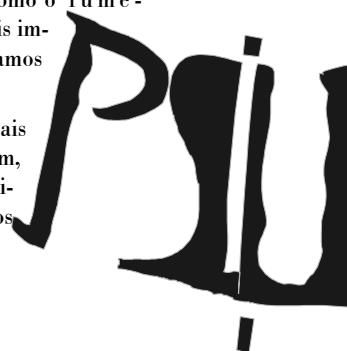
De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence a terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida, é antes, um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio. Mesmo o homem branco, a quem Deus acompanha, e com quem conversa como amigo, não pode fugir a esse destino comum. Talvez, apesar de tudo, sejamos irmãos. Nós o veremos. De uma coisa sabemos - e que talvez o homem branco venha a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Podeis pensar hoje, que somente vós o possuís, como desejais possuir, a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual tanto para o homem branco, quanto para o homem vermelho. Esta terra é querida dele e ofender a terra é insultar o seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminai a vossa cama e vos sufocareis numa noite, no meio de vossos próprios excrementos.

Mas no vosso parecer, brilhareis alto, iluminados pela força do Deus que vos trouxe esta terra e por algum favor especial vos outorgou domínio sobre ela e sobre o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último búfalo for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens, e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes.

Onde está o matagal ? Desapareceu. Onde está a águia ? Desapareceu. O fim do viver e o início do sobreviver.”

O PsIU deseja a todos um ótimo renascimento!



Informativo da Psicologia
Tiragem 12 exemplares
número 05